Montanha Russa

A hora não é de saber quem somos, mas onde estamos. E ainda se aqui estamos.

Estar ou não estar — eis a questão.

DRAMATIS PERSONAE:

Lazar Dourado,
Jim Hull,
Zebedeu
e o Narrador.

OBRAS DO MESMO AUTOR:

"Dentro da Noite" (poesia), 1915.

"A Frauta de Pã" (poesia), 1917.

"Vamos Caçar Papagaios" (poesia) 1926.

"Martim Cererê" (poesia), 1928.

"Deixa Estar, Jacaré" (poesia), 1931.

"O Brasil no Original" (ensaio), 1936.

"O Negro na Bandeira" (ensaio), 1938.

"A Academia e a Poesia Moderna" (polêmica), 1939.

"Marcha Para Oeste" (ensaio), 1942.

"O Sangue das Horas" (poesia), 1943.

"Um Dia Depois do Outro" (poesia), 1947.

"A Face Perdida" (poesia), 1950.

"Poemas Murais" (poesia), 1950.

"25 Sonetos" (Ed. Hipocampo), 1952.

"A Poesia na Técnica do Romance" (conferência), 1953.

"O Tratado de Petrópolis" (estudo histórico), 1954.

"Meu Caminho até Ontem" (poemas escolhidos), 1955.

"João Torto e a Fábula" (poesia), 1956.

"O Arranha-Céu de Vidro" (poesia), 1956.

"Pequeno Ensaio de Bandeirologia", 1957.

"Poesias Completas", 1957.

"O Homem Cordial" (estudos brasileiros), 1959.

"Martins Fontes" (Nossos Clássicos), pequeno estudo crítico e antologia, 1960.

No prelo:

"A Difícil Manhã" (poesia).

"A Academia e a Língua Brasileira" (ensaio).

CASSIANO RICARDO

MONTANHA RUSSA

E mais: um desenho animado, O BOI DE JIM HULL; uma pantomima, FESTA NO MORRO; uma fábula, REI TORTO, REI MORTO; e UMA TOADA PRA SE IR A BRASÍLIA

EDITÔRA CULTRIX
SÃO PAULO

MONTANHA RUSSA

1960

MCMLX

Direitos Reservados

EDITÔRA CULTRIX LTDA.
Rua Conselheiro Furtado, 520 — São Paulo

Impresso nos Estados Unidos do Brasil
Printed in the United States of Brazil

UMA POESIA DE TESTEMUNHO

MÁRIO DA SILVA BRITO

No decorrer de sua fecunda vida de poeta sempre inquieto e disposto sempre ao aprendizado, à renovação, ao exercício artesanal, Cassiano Ricardo atingiu a intimidade do verso e do verbo. Formou uma concepção de vida, fruto de sua experiência de homem, e adquiriu uma linguagem para interpretar e transmitir suas emoções e sentimentos. Assim chegou à plena posse de si mesmo, como criatura e como artista.

Este seu novo livro — Montanha Russa — *é, no entanto, obra a um tempo de maturidade e de pesquisa.*

Obra de maturidade porque resulta de sua vivência artística e humana, do seu conhecimento da problemática ideológica de nosso tempo, do uso de uma forma concentrada que o livra de desbordamentos, inúteis à precisa impostação e formulação de sua mensagem.

Mas também é de pesquisa o livro. De pesquisa quase juvenil, diria, não fôra patente, nas suas inovações e ousadias, a vigilância crítica do artista sôbre o artífice. O que noutros pode ser atrevimento gratuito, para simular espírito de vanguarda, nêle é incorporação do novo à sua já elaborada forma, assimilação do inusitado meio ou modo de exprimir, de fazer o poema. Montanha Russa *é bem um livro feito, construído, originado mais da ciência e da consciência do poeta do que de impulsos, assomos ou improvisações. Dos nossos cantores, observe-se, Cassiano é o que mais raciocina e racionaliza. Seus versos são silogismos e sua poesia brota mesmo dessa lógica contida nas premissas que estabelece — uma lógica lírica, transfigurada, que o faz um poeta e não um pensador, que ao seu poema mais*

elocubrado, mais epistemológico, possibilita sempre explodir em mistério, em emoção, em valor da sensibilidade. Sua inteligência apreende. Sua sensibilidade realiza o passe de mágica da poesia, a prestidigitação que desgarra os versos para além de qualquer pêso antipoético, anestético.

A busca de originalidade, a pesquisa formal, a invenção em suma, muitas vêzes serão apenas indícios de imaturidade, manifestações lúdicas, hedonísticas, ditadas pelo prazer de fazer e refazer, de jogar, de brincar. Neste poeta, não. Sua pesquisa participa de sua experiência, e, por isso, o seu livro é de adulto. Mas tanto a pesquisa quanto a experiência servem ao seu impasse — que é o da poesia atual, aqui e no mundo. Provàvelmente, no caso, específico impasse do homem-poeta, autor do livro, condicionado pelo tempo histórico que o arrodeia e o invade e o possui.

* * *

Montanha Russa *é uma súmula da poética de Cassiano Ricardo, uma espécie de balanço geral de sua obra. Nela o autor reelabora e atualiza os seus temas. Mas todo o seu mundo anterior desfila de novo no livro, como, por exemplo — e para enumerar uns poucos:*

o mundo geográfico, *de limites brasileiros, que foi o motivo maior de importante etapa de sua poesia, ora acrescido de outro, de coordenadas européias, resultante de seu direto contato com cenários e sêres de além-mar, mundo geográfico que pede atento exame, um ensaio que o pesquise, notadamente como símbolo e como constante de seus versos;*

o mundo ideológico, *que o põe no centro da problemática da cultura ocidental, vale dizer, da crise contemporânea, de que já era atormentado intérprete e lhe revelara, acima de tudo, a solidão do homem;*

o mundo infantil *e, nêle, principalmente os seus moleques sofredores, no fundo êle mesmo projetado, a se deslumbrarem e a amarem os bichos, as coisas, a natureza, e,*

sobretudo, a buscarem a elucidação dos enigmas que a tudo cercam;

o mundo dos mitos, *a que se agregam, aos outros de antanho, e entre outros, os foguetes lunares, os discos voadores, os batiscafos, instrumentos da ciência ou do mêdo, sintomas da perplexidade a que chegamos;*

o mundo do cotidiano, *dos fatos miúdos, êsse em que se agitam todos quantos sofrem ou simplesmente se deixam viver, e são os pobres diabos da terra, dominados e subjugados, diferentes ou indiferentes na sua grande desgraça de anônimos e párias;*

o mundo da auto-análise, *em que pratica os seus "exercícios de sinceridade", e em que é homem diante do espelho (outro tema constante, a fábula que o explica e o complica também), e atormentado rebuscador de significados para o amor e a morte;*

o mundo da comunhão, *que parte de seus padecimentos mas não o ensimesma, antes pelo contrário o tira de si e o atira para além de si, num anseio de desvendar o que se passa nêle, ao seu redor e no seu semelhante.*

* * *

É, pois, em síntese, o poeta em face do espetáculo do mundo e da vida que aqui se apresenta. Mais: é o poeta no encalço de uma substância e de uma essência que expliquem — para êle e para nós — o próprio mundo e a própria vida.

Para obter êste resultado, ei-lo a recompor o cosmos através das palavras, veículos não só de comunicação e diálogo, mas também de solilóquios e introspecções. Ei-lo a utilizar-se delas discursivamente nos seus monólogos perquiridores ou nas suas visões até alucinadas. Ei-lo também a valer-se delas inventivamente, infundindo-lhes um novo sentido, armando-as conforme inesperada sintaxe, ou descarnando-as, seccionando-as, atomizando-as letra a letra quando não em grupos de letras com o fito de dar-lhes plurali-

dade de sentidos, ou então — e ainda — a uni-las, a isolá-las, a empilhar signos gráficos, a organizar mapas polinésios, a desentranhar do léxico vocábulos estranhos, por si mesmos misteriosos.

O trocadilho, a alusão, o ideograma, a palavra espacialmente distribuída pela página, a metáfora gráfica dos concretistas, de tudo o poeta precisa para se revelar e para que as coisas lhe sejam reveladas. Cassiano Ricardo está empreendendo uma luta — física e metafísica — com a palavra, os conceitos, os valores, as idéias, as emoções. Dá-nos assim a poesia do impasse — ou o impasse da poesia.

* * *

Essa luta, antes de definir o poeta, fixa o próprio tempo histórico do homem da era atômica e atônita. À sua frente estão três valores temporais — o passado, o presente e o futuro — e, nêles, o destino das criaturas, que agora também depende do espaço, hoje sendo conquistado em têrmos ilimitados: na direção da ignota ionosfera e no rumo das secretas profundezas marítimas.

O passado dava ao homem o ser tradicional, com sua herança e, assim, pôsto entre certezas. O presente configurou-o como ser circunstancial, sujeito à descoberta de novas realidades, que desfizeram o conhecimento sedimentado, abalaram as verdades adquiridas. A ciência e a política abriram-lhe novas perspectivas de julgamento e forçaram-no a admitir a falência de suas mais caras convicções, ou, pelo menos, a duvidar delas. O futuro — que também — e tanto — depende da política e da ciência, esta hoje politizada e fabuloso poder que uns poucos líderes controlam — deixa o homem em plena suspensão, solta-o no ar, como que anulando, nêle, a ação da lei da gravidade.

Todo o destino do homem está para ser resolvido, mas a questão é proposta como se não interessasse ao homem — e o homem nem sequer existisse. Êle foi substituído pela idéia, e até mais, pela ideologia, e assim, não conta, não

vale, não é. Simplesmente está no mundo. Se antes ocupava um lugar no espaço, atualmente o espaço preenche um lugar no homem e até o lugar do homem.

Nasce, pois, no nosso tempo, um novo mundo, por assim dizer uma nova cosmogonia. Se, para alguns, a situação histórica é criadora, inspiradora mesmo, para outros leva à desesperança, à inquietação, se não a contraditórios sentimentos de fé e de dúvida.

*
* *

Êsse quadro esclarece a poesia de Cassiano Ricardo em Montanha Russa. *Aqui se vê o poeta diante dos altos e baixos que o momento sugere. A êle não interessa mais o problema do* ser *e do* não ser, *mas o do* estar *e* não estar. *Sua linguagem — e as técnicas que a informam — obedecem ao mesmo ritmo, à mesma oscilação de sua filosofia da vida, de sua compreensão dos fenômenos e fatos naturais e artificiais.*

Marcada por uma sofrida e atormentada visão do mundo, um raio de luz ilumina, por fim, e precisamente como último poema do livro, a poesia de Cassiano Ricardo. Retorna a esperança na Toada pra se ir a Brasília

"única cidade
onde nunca haverá saudade"

capital mundial do estar *ou* não estar. *É a volta ao otimismo que lhe ditou os versos brasileiros de antigamente, com a diferença de que o mito geográfico, nessa peça, é um símbolo universal a que não falta uma nota de fuga — fuga da esfera onde se processa o drama do homem.*

*
* *

A um mundo novo corresponde uma linguagem a êle adequada. Se isto se compreender — e se assim fôr — tem-se,

pois, a base válida para a admissão dos processos formais que pretendem exprimir a realidade nova.

Cassiano Ricardo adota muitos dêsses recursos de vanguarda, já estabelecidos pelos pioneiros inovadores, além de inventar outros, pessoais, ainda inéditos. Insere-os, no entanto, quase sempre, no corpo de seus poemas, mais como meios ancilares do que autônomos, a serviço portanto da frase ordenada, que segue uma direção discursiva. Não aplica, portanto, ortodoxamente, as sugestões de estéticas que começam a ter voga entre nós e até possuem os seus aguerridos doutrinadores, os seus convictos adeptos. Estéticas que vemos atuantes em diferentes latitudes e longitudes, o que, por si só, evidencia que respondem a uma tomada de posição, representam mesmo a consciência de que há, agora, condições para o aparecimento de uma renovação poética. Forja-se, pois, um novo conceito de poesia, e estrutura-se o seu instrumental de trabalho — a palavra e o espaço — conforme determinados princípios e técnicas. Fiel ao seu espírito inquieto, à sua tendência renovadora, ao seu gôsto pela experimentação, Cassiano Ricardo ingressa nessa linguagem que vem vindo. Tem que falar outra língua. Com sua atitude contribui para o debate estético em aberto.

* * *

Montanha Russa *é obra de um homem profundamente marcado pelo seu tempo. Sua poesia é, pois, de testemunho. Nela a beleza é dor e é sangue humano, coisa de que, nem sempre, os pobres mortais se apercebem. Por isso mesmo precisam dos poetas e, por intermédio dêles, reabilitam o sentido da vida, confundido e embaralhado por mil e uma diversões. Por isso precisam de um poeta como Cassiano Ricardo.*

Primeira Parte

Um Homem na Esfera

A Euryalo Cannabrava

UM HOMEM NA ESFERA

Não fôsse a ilusão
de que a esfera
nos trará o sol
que se espera.

A nossa viagem
(ser é viajar no sangue)
seria, tão-sòmente,
um mapa na mesa.

No mapa em jôgo,
à hora da tempestade,
uma ilha de fogo,
sem nenhum navio.

A esfera,
só por ser esfera,
é que nos ensina
a lei da espera.

Lua da China.
Sol do Japão.
A espera é a esperança
em seu eixo.

A MULHER E A ONDA

O paraíso deverá ter sido
um vergel plano a se perder de vista.
E cercado, graciosamente, por
um horizonte circular, em flor.

Só a planície. Só dourados frutos
despencando das árvores concebidas
sem pecado. E o sussurro das vespas,
no mel, mas não ainda em rosas crespas.

Quando as curvas da mulher e do rio
lhe despertaram a secreta ciência,
o homem perdeu a primeira inocência.

E assim trocou sua planície reta
pela graça da terra ser redonda.
Pela sensualidade verde da onda.

MONTANHA RUSSA

já o ser inquieto não
está em nenhum lugar
porque a inquietação já
é uma forma de não
estar nunca estaR

que se dirá então
do ninguém que mora
em mim por não ter não
onde morar
na terra no ar no maR

quem imagina não
está em si sòmente
nem sòmente onde está
está de repente
sem cuspir nem porvir
numa montanha russa
só pelo prazer
perpendicular
de subir e caiR

ó meu distante amor
quando eu passar espera-me
na tua porta não
te poderei beijar não
só terei tempo para
na paisagem em fuga
entre areia e sal
te deixar na mão
uma floR

Espera-me na porta
se estiveres na lua
maria azul luz clara
quando eu passar como
um peixe voador não
terei tempo para
te ofertar sequer
uma floR

só terás tempo de dizer
como a mulher de Arvers
que louco é êste
que chegou da terra e não
me trouxe sequer
uma floR

ZODÍACO

Soldados bruscos passarão sôbre o mapa,
sujo de terra.

Uma lagartixa será uma palavra pousada num objeto
à tua esquerda.

E eu hei de conversar contigo
que estás no outro lado do muro, ó estrangeira.
Porque hei de inventar um dialeto
que só tu entendas

bíblico
oblíquo
lírico

Um dialeto que mais se pareça com um ramo de orquídeas
caído por acaso a teus pés.
Ou (te)-levado por uma pomba branca
sôbre a fronteira elétrica.

Como um lenço na ponta de uma flecha.

Ah, por que não havemos de atravessar a fronteira
enquanto a manhã não nos denuncia
e os homens não sabem quem somos?
Enquanto os lunáticos estão brincando com fogo?

Enquanto os bichos
do zo(o)díaco se distraem com as horas?

O MENINO DESAPARECIDO

I

Passou a chuva. O céu gorjeia.
Meio sol, já perpendicular.
Mas a água ainda é um rio...
Ainda está de bôca cheia.

Como saber onde o menino
está, sob um céu repentino?

Chegam máquinas dentadas,
perfuratrizes, estridentes,
pra furar o chão de concreto,
espirrando erros e "rr"
de terra pelo vão dos dentes.
Mas o menino já é, apenas,
um objeto secreto.

Como, em meio ao desatino,
saber onde está o menino?

A mãe do menino quer, já,
entrar pelo cano do esgôto.
Como uma mulher marinha.
Como uma ave lacustre e ruiva
(ou subterrânea) irá,
tocada de celeste insânia
saber onde o menino está.

Agarram-na os outros meninos
da rua, como anjos sujos,
que saíssem de alguma fossa
de um subúrbio de Betânia
e se agarrassem a uma Nossa
(Senhora) também suja,
como fulvos caramujos.
(Nossa Senhora de mão grossa).

E o menino, onde estará?

Ah, o menino está bem longe
com os seus barcos de papel.

Já vai seguido pelos peixes,
famintos, que os há prateados,
côr-de-rosa, côr de fel,
não importa qual seja a côr,
na derrota por onde, agora,
com os seus barcos de papel,
pequeno capitão, êle fôr.

Até d e s a p a r e c e r ,
por fim — quem o saberá? —

num verde cego, universal.
No verde universo de sal.

Desaparecer na mesma água
em que um dia foi batizado.
(pois a água do batismo
não é a mesma do abismo?)

II

Minha mãe, que eras capaz,
como essa mulher subterrânea,
de morrer, por teu menino,
eu bem sei em que terra estás.
Mas tu, ó teu menino
que fui, onde estarás?

EDIFÍCIO BABILÔNIA

Quanta gente que ri, etc.

RAIMUNDO CORREIA

ESPECTADOR sòzinho, em meu silêncio
que com a noite, seu cúmplice, reparto,
eu conheci uma criatura estranha,
não pelo nome mas por sua sombra
vinda pela janela do meu quarto.

(A cidade, lá fora, lembra um jôgo
em que as janelas são dados de fogo).

E eu via o seu encontro com alguém,
o beijo mudo com que a sua cabeça,
muda, não sei que côr, mas de mulher,
se unia a outra cabeça e a sua alma
oscilando ao contacto de outra alma.

Eu conheci uma criatura estranha.
E eu via essa criatura dançar, nua.
Porque lhe via a sombra, só a sombra.

Mas nunca como se conhece alguém,
diretamente, em plena claridade,
ou num jardim, no teatro, na montanha.

Mas só por causa da sua sombra, nítida,
que entrava mudamente em minha vida,
vinda pela janela, como a lua.

E eu penso agora: quanta criatura
(neste xadrez de janelas contíguas)
haverá, cujo único bem consista
em apenas ignorar a sua sombra,
em apenas pensar que não foi vista.

XILOGRAVURA N. 1

A Mário Donato

Um sol de luz canina
numa clave de fá.
O garôto chorando na esquina
porque a mãe não lhe dá
um urso prêto.

Pequenino esqueleto, filho
da terra má.
Que um dia se chamou terra máter.

Homens da rua,
figuras crescidas
a enxó e pá
no vão dos edifícios.
Como flôres brotadas na pedra
dos precipícios.

Gavião na tôrre do relógio.
Disco voador, guerra de nervos.
Quem poderá esconder-vos?
Mas, alheio ao que há,

Jim Hull gorjeia na sua janela,
como um sabiá
sôbre um H.

A cidade bebeu
o último orvalho do silêncio.

Bruhaha.

NENHUM DE NÓS TEM CULPA

Que seria de nós, bípedes apressados,
nesta diária agressão mútua que é a vida
se não nos desculpássemos, uns aos outros, nas quinas
das esquinas?

(A culpa só nasceu para justificar um êrro
da criação)

A coisa mais fácil de atribuir a uma criatura
é a culpa. É jogar tinta sôbre a flor.
A coisa mais difícil de provar é a inocência.

Ah, as fatalidades e as necessidades,
o insulto que ouvimos sem sabermos de quem,
numa cidade que é um xadrez de jôgo,
não bastariam para que não tivéssemos culpa
de estar aqui, jogados sob a lua?

A precisão de se culpar alguém, mesmo inocente,
um anjo em efígie, um objeto qualquer
que se torne objeto de nossa ira, como o fruto

fruto do nosso amor é o signo desta hora
de cruel sindicância.

O mar, a todo instante, com a sua
(van)guarda de tigres brancos se arremessa na praia.
Imagem líquida da terrena inquietação...

Um ser sem nome que deverá ser o autor do sofrimento
para o qual não se encontra explicação,
está escondido por detrás do espelho.

(A dor de "estar" aqui é maior que a de "ser").

O que eu peço jamais será perdão a Deus
mas desculpa, uma simples desculpa.
Não o perdão que é lamber Suas sandálias de ouro.
Mas que me desculpe como eu próprio O desculpo
tôda vez que olho o céu e revejo as estrêlas.
Tôda vez que um pássaro vem pousar na janela.
Ou um cão uiva por pensar que vou morrer.
Ou uma rosa mata um poeta.

A única coisa certa, a única que aceito
de Deus culpado por me haver criado
é esta graça de poder desculpar o meu próximo,
a graça com que o meu próximo me desculpa.

É uma certeza, enfim, de que nenhum de nós
tem culpa de estar morando nesta rua.

SOLO DE FLAUTA

Chaves: colo
pólo
colar
polar

NUM Nautilus louco
(entre o ser e o estar)
navegarei sob
a calota polar
(branca como um altar).

Quero desfolhar
o que há em mim de trópico
no ímã do teu olhar.
E levar-te o soluço
do meu beijo solar
para o teu solar.

E o meu ar, o meu sol,
para o teu colar.
E os meus frutos, fulvos
de amor e de calor
para te ensolarar.

Rude mulher boreal
nascida a grau e meio
da Ursa Menor.
Feita de róseo gêlo
e noturno cabelo...
A manhã do pólo
será um grande colar
(jóia multicolor)
enlaçando-te o colo,
quando, ao teu, eu colar,
moscardo numa flor,
o meu lábio solar.

Sob o álamo branco
(pingüins em redor)
roupa, uma pele de urso,
azul, o da rapôsa,
lume, a estrêla polar.

Mas, que importa o "décor"?
Num solo de flauta
te direi meu amor:
brasa de subsolo,
céu canicular.

Então beija-me muito
ó Esquimoa selvagem,
pra me consolar
de tão fria viagem.

FIGURAS ANDANTES

Se o menino pinta a figura
de um homem, e o faz de perfil,
põe-lhe os dois olhos num só lado
do rosto (para ser gentil).

Como a dizer, por inocência,
que a vida não tem, só, um lado,
e que, se pintado o direito,
o esquerdo tem que ser pintado.

Quem já não viu essas figuras
de perfil, escorrendo tinta,
e com os dois olhos num só lado
de rosto, que o menino pinta?

Uma figura atrás da outra,
iguais e assim, de olhos postiços,
as vemos, também, nas gravuras,
em blau e ouro, dos egípcios.

Quantas, porém, já seminuas,
já desazuis, descem dos frisos,

ou de alguma oculta parede
e vão conosco, pelas ruas.

Quanto, ainda, em sentido oposto,
também se parecem com elas
os homens unilaterais
que gorjeiam pelas janelas!

São os que morrem, maus videntes,
esmagados sob uma roda.
Os práticos, os que só amam
o côr-de-rosa, não a rosa.

Os que não vêem o sol do longe
mas só o vidro do perto.
Ou vêem um só lado da vida,
mas não vêem o outro hemisfério.

Só porque viram as figuras
que as crianças pintam, de lado
e com ôlho duplo, e as copiam
sem lhes ver o significado.

Porque as adotam, ci-vilmente,
quando elas dizendo estão
que um ôlho não esqueça o irmão
se o retrato não é de frente.

Em heráldica, um perfil nobre
não tem friso de outro esmalte?
É mais gentil que algo lhe sobre
do que um ôlho (azul) lhe falte.

Mas eis que a cidade de fogo
vira em floresta, chão sem data,
com as suas árvores geométricas
girando num eixo de prata.

Um braço, nascido de súbito,
ergue no ar um cravo vermelho.
É o comício, visto em decúbito
dorsal, através de um espelho.

Como o terão visto, por certo,
os que só andam de perfil,
e olham tudo por um só lado
do rosto (o que é mais gentil).

Quando aprenderemos, os homens,
inocentes ou subreptícios,
o que há de oculto na lição
das crianças e dos egípcios?

PEQUENA ODE ATONAL

A Soares de Melo

A borboleta no
vidro da janela até que
– cansada –
caiu ao chão e aí ficou
abrindo e fechando as
as'as em câmara lenta.

Esperei o instante em
que, atônita e átona,
ela fechou as pétalas
e a segurei, larvar,
entre o indicador e o
polegar.

Frágil borboleta
mais fácil de matar
por dó, mais fácil de
reduzir a pó (ou púrpura)
do que de salvar.

(Que ambos os gestos
requeriam uma só
delicadeza.)

Saí ao terraço e a
soltei ao vento; e a pobre,
como um til de papel,
foi pousar numa flor da
cêrca de resedá.

Senti-me liberto
de sua enorme angústia.
Respirei, nela, o meu
ar.

Coisa sem alvo de
tão minúscula, in-
corpúscula — haver salvo
uma borboleta.
Sem indagar, sequer,
se azul ou preta.

BESOURO NA SALA DE ESTAR

A Dulce e André Carneiro

Mais do que nunca, em minha língua,
separo bem as duas palavras
que, nas outras, estão reunidas numa só:
ser e estar.
(Duas janelas para um só suicídio).

Como um besouro que se debate (ríspido)
contra o sol na vidraça (prêso).
Besouro opaco, que não encontra uma saída
onde tudo é tão transparente e aceso.

O ser é ir, mas que me adianta ir
sem saber para onde?
O ser é caminhar, mas de que serve caminhar
num chão onde nem sei se estou, numa hora
tão sem nível?
E se há um ser — um ser além do olhar —
onde o estar, que é o ser visível?

O estrondo azul que me anunciou a queda
do muro do som, foi, ainda, um quebrar de vidraças

nas janelas, um estado de pânico
no estar das coisas e no estar dos homens.

Como um deus que anunciasse a derrocada
do Olimpo, em sua profética flauta.

Até quando estarei — pergunto — nesta sala
esférica, em que me eclipsidro?
Só o saberei no dia em que estiver viajando
a bordo de uma estrêla polar.
Já sem nenhum assunto.

A hora não é mais a de saber quem somos
mas onde estamos, e ainda se aqui estamos.
Não mais me preocupa o problema do ser
e do não ser.
Entre o sol da manhã e o sol da tarde.
(Nesta sala de estar e não estar).
Sou um Hamlet com duas asas de vidro.

(O mundo acústico, carregado de soluços,
entra pela janela e cai, de bruços,
entre os meus objetos
como um gavião ferido).

POEMA ACÚSTICO

A Cyro Pimentel

Mestre João tem três ofícios:
as pombas, o rebanho, o pomar,
que se resumem numa só palavra,
avelã,
em Zanzibalar.

Zanza na fruga o cisso ingrave.
O carilógio rispa, ungo,
em Zanzibalar.

Comilã, a hora
está roendo a manhã, no relógio.
O camaleão estica a língua
no ar, como uma fita métrica,
sem sair de onde está.
E traz o minuto gordo para
seu estômago,
em Zanzibalar.

O carilógio rispa, ungo...
O silêncio é uma tesoura

oculta. O ofídio, verdegaio,
mas (na intenção) negro, corta
a raiz à ave.
Aqui é o lugar onde a pantera
se esconde atrás da esfera.
Em Zanzibalar.

Sussurro em céu azzurro.
Asa giratória de parar no ar,
centrífugo, imobilizado,
o pássaro, que furtou o fogo,
suga a bôca a uma flor
até deixá-la sem memória.
E parte, safira em seta.
Onde estará êle, agora?
em Zanzibalar.

Tudo parou de cantar, agora.

Porém a noite desce, grave
— borboleta de asa em delta —
ventre de hulha, ôlho de lua,
em Zanzibalar.

Ouve-se a bulha de uma bôlha,
na fôlha,
em Zanzibalar.

A MORTE DE LAZAR DOURADO

FICARA a um canto da parede. O sono
súbito de Lazar Dourado viera
trazer-lhe o impacto do abandono, a sêde
estranha do desconhecido. Todos

choravam o desastre, todos. Menos
o ruivo cão de olhar cerúleo, a quem
um uivo era bem pouco e os uis, inúteis,
se morrera Lazar Dourado. A lua,

ao longe, amanhecia, nua. A hora
do entêrro e dos convivas chega. E agora?
O ruivo cão é o único que não chora.

Os seus olhos de cão votivo são
como duas vogais azuis que ululam
por entre a grade de um silêncio vivo.

CANTO INCIVIL

BASTA estar vivo
pra ser subversivo.
(Ou subservivo).
Basta não figurar
no registro civil
pra ser incivil.
(Ou vil, pra encurtar a palavra).

Basta ser incivil
pra não ser ninguém.
Basta não ser ninguém
pra ter o apelido
que a polícia dá
a quem não é ninguém.

Tinha eu dois nomes:
Zebedeu,
que a miséria me deu.
E "elemento subversivo"
que a polícia me deu.

E apenas uma dor:
a que a vida me deu.

E eis-me aqui, incivil,
(ou vil, pra encurtar a palavra).

Uma patada de cavalo
em meio do comício
e eis-me aqui, estendido em decúbito
dorsal.

(Ou já cortado ao meio,
sem dor, nem sal).

PARQUE DE DIVERSÕES

Se fugimos,
pensamos que as estrêlas é que fogem
conosco.

Supomos que as árvores correm, quando nós
é que corremos.

Ou que as cidades giram
em tôrno de quem somos, quando nós é que
giramos,
rodando-nos e transladando-nos.

Quando se imagina que o céu dança, quem dança
é o navio
sôbre a sinuosidade anilmarinha da onda.

E cremos conduzir as coisas, os objetos
quando êles é que nos conduzem nesta viagem,
ao revés.
(Rodando-nos e transladando-nos).

E escrevemos nos vidros, por dentro,
palavras que serão lidas por fora,
em sentido contrário ao que queríamos
dizer.

O céu nos calça asas involuntárias
nos pés.
E pra fotografar a terra em que vivemos
voltamos a objetiva contra nós, e vemos
o seu rosto de mãe em prantos.

Até que, na fronteira, adormecemos.
Num horizonte que é sinônimo de sossêgo.

E a vida, que ficou lá fora? Continua
rodando-nos e transladando-nos.

A VIDA É VENTRÍLOQUA

A João Acioli

A vida fala,
dentro da caverna.
E eu lhe digo as palavras
na sala.

A vida é chama,
num quarto escuro.
Mas eu é que lhe seguro
a lanterna.

A vida está em casa.
Mas é sua, só sua,
a ordem que eu cumpro
na rua.

Ó vós que ides passando,
atendei e vide!
É a vida
quem me agride.

Quando a vida chora,
em mim, ou lá fora,

como é difícil
manter o ôlho enxuto.

Como suprimir
nexo ou memória
entre a causa e a pausa,
entre a flor e o fruto?

A vida é ventríloqua.

Sou o seu boneco,
falado ou escrito.

A vida dói
e eu grito.

Geografia Amorosa

A Oswaldino Marques

BALADA N. 1, PARA VENEZA

O BARCO abre líquidas brasas,
risos de sol, no azul velho,
sujo como todo azul ilustre.

A cidade é uma ave lacustre
que trouxe o céu para a água,
com as suas asas de casas.

Entre janelas opostas
debruçadas sôbre um espelho
de perguntas e respostas.

Noiva que ficou sem casar,
os ombros cheios de pombos,
o véu em renda de már-
more.

Por que é celibatário, o mar?

BALADA N. 2, PARA VENEZA

Eu era, como o santo, incréu.
Queria ver para crer.
Hoje sou um simples réu
dos meus olhos, em Veneza
que vi, sem poder crer.

Não pude crer, mesmo depois
que lhe percorri os canais.
Que vi o palácio dos Doges,
o "campanil" de San Marco.
Ó Veneza que já me foges,
como um barco sob um arco.
Certo não te verei mais.

O leão alado que faz crer
em fulvos animais de plumas.
O Canal Grande, uma noite
prodigiosamente diurna
(lua a giorno do dilúvio).
Tudo é uma dúvida, acesa,
uma lanterna veneziana,
sôbre se vi, ou não, Veneza.

Vi Veneza e ainda não cri.
Se eu tiver que prestar contas
de tudo o que vi, a Deus,
que direi? que vi Veneza?
que sonâmbulo é que a vi?

Ou êstes olhos não são meus?

Ah, não creio no que vi.
Nem três arco-íris de pedra
nem quatro cavalos dourados
nem o pincel de Tintoreto
me deram essa certeza.
Mas é certo que vi Veneza.

BALADA N. 3, PARA VENEZA

Balanço
da gôndola.
Oscilei
como um pei-
xe
na ôndula.
E eis-me oscilando
até quando?
não sei.

Âncora
em mar (zarco)
é o que sei,
divido o mundo
entre meus olhos
atuais
e o adriático
sol turquesa.
Entre as coisas
e os objetos
que vi antes
e depois que
vi Veneza.

Me divido, agora,
em dois.
Um (eu) antes,
outro (eu) depois.

E — entre mim
e eu — um arco.
E — entre mim
e eu — um barco.
E — entre mim
e eu — San Marco.
E — entre mim
e eu — Veneza.

PARA IRES A VENEZA

(Guia turístico)

b a r c o

a r c o

b a r c o

a r c o

desemb' a r c o

m'a r c o

m a r c o i r e s

m a r

z a r c o

a r c o i r i s

S a n M a r c o

2 2 2

a r c o s

TRÊS PEQUENAS ODES À HOLANDA

Diques e muralhas de tulipas
protegem as casas dos homens...

LÊDO IVO

I

O TREM corta a planície verde
onde se respira leite, água e tulipa.
Parece que se está viajando em linha reta
para o primeiro dia.

Foi preciso transformar cada ilha
num dique, recompor a criação oceanogràficamente.
Foi preciso beber os lagos
e o Waterstaat é quem governa, hoje, a água
magoada.

O Zuiderzê perdeu o sal, é hoje o lago Issel.
Um "manso lago".

O mar tenta, porém, invadir as muralhas de pedra
com a sua mágoa de água.

É um mar de garras brancas.
Mar que, um dia, se convencerá
de que é apenas um súdito, de que a Holanda,
a Rainha e as tulipas
o subjugaram amorosamente.

Mar que ainda lamberá os pés de Iolanda
e os da Rainha,
como um tigre de azul e sal, convencido.

II

A mulher do pescador de Sheveningue
é mais bonita que um objeto humano.
Amsterdam é uma coleção de horizontes em arco
uns atrás de outros.
A água dos canais, azul-garrafa,
tem bôlhas de vogais e desenha objetos de sol
entre as janelas das habitações de pedra e os barcos.

Os pintores, aqui, nascem como flôres.
As moçoilas serão figuras, na paisagem.

Ó tulipas, jacintos e narcisos.
a primavera só por favor visita outros países,
porque reside em Hillegom, em Lisse.

III

Quem aqui não se sentirá mais matinal,
com o rubor da manhã no rosto? Um rubor que é o enfeite
de gente corada como a madrugada?

Planície própria para moinhos felizes
pousados no chão como pássaros que não querem
voar.
E para bicicletas no horizonte.

(Água, tulipa e leite.
São três das coisas matutinas
que restam, no mundo — hoje um quadro de fogo
como o que pintou van Gogh,
com aquelas aves negras sôbre o fulvo
trigal de sol.)

XILOGRAVURA N. 2

Um caranguejo
fora d'água.

Um crustáceo
rosáceo
fora do seu espelho.

Mosaico líquido
escama em xadrez.

Asa de gaivota
ao rés da onda.

Um sol salutar
como um peixe
holandês.

Um peixe na mão.
Salmão.
Solmarinho.

VIAJAM AS PALAVRAS

A Eugênio Gomes

Viajam comigo tôdas as palavras,
umas que eu levo na cabeça, outras no coração.
Ou na bagagem, como plumas
de um corpo suficientemente adulto.

Mas aqui tenho que falar uma outra língua.
Ou dizer as mesmas coisas que eu já disse em menino
e por palavras de pronúncia áspera, difícil.

Parece até que um fruto,
só porque mudou de língua, é uma fruta.
A paisagem não me chegou a oferecer uma flor
e já fugiu, arrependida.
Os rostos dos que ficaram no aeroporto
ficaram repentinamente iguais.

Um passageiro diz, a outro, algo de surpreendente,
e o outro ri.
Mas eu me limito a ficar desconfiado, a ser triste.
Em minha língua todos os pássaros estão mudos.
A emoção tanto cria como subtrai as palavras.

Tenho que me matricular de novo numa (pensei) aula
[de coisas:
objeto, fruta, país, estrêla, rua, hotel, bagagem.
Como numa cartilha da infância.

Ah, as palavras que viajam de uma bôca
a outra bôca.
Da bôca do que morreu para a bôca sedenta
ou faminta que as recebeu por herança.
E que trazem dos mortos a emoção que êles sentiram.
E estão ainda impregnadas das coisas que os mortos disseram.
E ligam os vivos aos mortos.

Mas aqui tenho que viajar com as palavras
que Deus me põe na bôca, em outra língua.

Consulto o dicionário ao atravessar a fronteira.
O pássaro de asa em delta alterou o significado das coisas
que passaram a ser objetos.

Medito um pouco sôbre a semântica das maiúsculas.

U. S. A.
U. R. S. S.

O possível desastre
faz silvar como um pintassilgo ao meu ouvido
uma outra sigla: adeus,
desbotada entre ouro e rosa.

Mas, isto foi viagem?
O pássaro de asa em delta, que me trouxe,
atravessou de um só salto o Atlântico sul
que apenas, sei, estava azul.
Uma madrugada entrou pela outra madrugada.
Onde a dança das horas?

Desci (em Orly) dizendo que aquilo não era uma viagem,
mas a supressão da viagem.
Tinha durado menos que uma rosa de Malherbe.
Mas, em compensação, Paris era uma rosa
de dois mil anos.

BALADA PARA O SENA

Não é aos cafés, nem ao Louvre,
nem a Montmartre, a Notre Dame,
nem ao alto da tôrre Eiffel,
que tem uma confidência,
que tem um crime de ausência
para contar, o estrangeiro.
É à água tranqüila do Sena.

Afonso Félix de Sousa,
você tem razão, em seu poema.
Grande lágrima da cidade
que dorme mas não repousa,
é neste rio que o estrangeiro
vem limpar sua esperança,
vem lavar sua saudade.

A cidade, em forma de estrêla,
é um coração de muitas portas
entre o passado e o porvir.
Tem-se uma por onde entrar,

custa achar outra pra sair.
Porte de Saint-Cloud, de Orléans,
Porte Dorée, ou de l'Italie.

Quem entra em seu coração
passa sob o Arco do Triunfo,
como sob um rude arco-íris,
construído na pedra ilustre.
Mas, à hora da nostalgia,
mesmo o de coração mais sujo
de tristeza e de alegria
é neste rio de água mansa
que vem encontrar seu refúgio.

Porque a sua água é serena
e porque tôda água é um pouco
de nossa noturna mágoa.
Tôda água que descansa
mas está correndo, em silêncio,
para longe, para o futuro,
é um pouco de nossa esperança.
Pelo que tem de próximo,
pelo que tem de distância.

Sem nos contar de onde vem,
parece que está levando
um pouco de nós para alguém.
Sem dizer nada, a água quieta,
caminhando com pés de luzes,
é uma mensagem secreta...
Não se sabe de quem, para quem.

Seja, porém, para quem fôr,
nela jogamos uma flor:
o mar será um grande Ninguém?
Afonso Félix de Sousa,
como me agrada esta queixa
de querer ir, querer ficar,
que a água do Sena nos deixa.

Paris, 1954

ANTICANÇÃO DO EXÍLIO

PARA eu ficar morando aqui
me falta tão pouco, como eu
não ter nascido onde nasci.
Mas em Freixo de Espada à Cinta,
onde meu avô nasceu.

Foi apenas uma questão
mais ou menos celeste e rosa,
de relógio e de geografia.
Relógio de corrente e prata
e geografia amorosa.
Apenas uma questão de data.

Agora, não sei se a esperança
que eu sinto é de voltar, presto,
para onde canta o sabiá;
ou se é, apenas, desde já,
a de regressar pra Lisboa
quando eu estiver por lá.

Se a saudade é de lá, ou, já,
a que sentirei daqui.
A saudade que terei depois,

em esperanto, ou em tupi,
ou com gôsto de um azul sal,
das coisas que em Lisboa eu vi.

Dos irmãos que aqui encontrei,
heterônimos e jerônimos,
e que antes de vir conheci.
Porque sou anfíbio, por ser,
neste gentil pralapracá,
tanto de lá como daqui.

Ah, amarrem-me como Ulisses,
ao mastro do navio, e já.
E levem-me pela foz do Tejo,
para que eu bem longe vá
das coisas que em Lisboa eu vi.

Porque só mesmo levado
por uma onda de azul sal,
por um mar nunca navegado
não ficarei morando aqui.

Lisboa, 1954

Rosa-Mundi

A Temístocles Linhares

ROSA-MUNDI

POBRE Jim Hull,
que trocou a manhã pela tarde.

Em vão um fantástico vídeo
lhe põe em casa
o mundo que ulula com patas de fogo
lá fora. Como
uma enorme brasa animal e azul
de urânio.

A injustiça, o mêdo, o homem
que caiu na rua, o avião a jato,
lhe estão entrando pelos olhos,
como por um vitral de duas
lentes de contacto.

Pobre Jim Hull.
Os seus olhos são só para olhar,
não para ver.
Com que graça êle olha o feérico,
o esférico, a rosa-mundi,
o foguete lunar.

ESTAR, OU NÃO ESTAR

A Stefan Baciu

Estou neste meu quarto, que é o meu barco
ancorado no rio das horas.
E sei que estou aqui. Porque vejo, lá fora,
a noite, feérica, girando em seu eixo.
Árvore de tronco fixo e estrêlas móveis.

Não tenho dúvida sôbre estar em meu quarto.
Aqui estão os objetos do meu uso. O meu
criado-mudo, a minha "Máquina de Explorar o Tempo",
o meu rádio, e uma xilogravura de Goeldi:
um peixe, a duas côres.

E tenho os pés no assoalho.
Porque o assoalho me dá uma sensação dura, e física,
de um homem consciente do chão em que pisa,
sem flor nem saudade.

Estou aqui, mas estarei (mais verìdicamente)
na lua, ou no "sputnick" que passou pela décima vez
sôbre eu estar aqui.

Nesta atmosfera nuclear, mágica, espêssa.
Ou nesta sensibilíssima e dourada chuva
radioativa.

Que me altera, já, o significado das palavras,
quando falo ou escrevo.

Um homem que discute com outro, lá longe,
fala de mim, sem saber que eu existo.

Entre duas bombas de hidrogênio
o meu coração bate sem nenhum direito de opção.

Que adianta o meu estar aqui?
Pois não dependo, apenas, de uma dor de cabeça
na cabeça de um dos grandes,
ou do sorriso de uma dama de espadas?

A FÍSICA DO SUSTO

O ESPELHO caiu da parede.

Caiu com êle o meu rosto.

Com o meu rosto a minha sêde.

Com a minha sêde o meu desgôsto.

O meu desgôsto de olhar,
no espelho caído, o meu rosto.

O MENINO DE CANAVERAL

A Luís Martins

Em casa, rodeado pela família dos meus objetos,
mas – ao mesmo tempo – em Canaveral.
Vi o "Pioneer" em prata e azul subir e entrar no céu,
além da órbita da Terra.

Onde a etimologia da palavra celeste?

O tempo renasceu em mim, não por esfôrço
de memória, mas como uma imensa
rosa de Jericó, na água. O espetáculo me obrigou
a ser menino, em Canaveral.

O meu retrato na parede, o meu relógio,
o meu "estar aqui", o meu vídeo,
me suprimiram a noção das coisas que aprendi
com os anos. Meu coração "é" menos do que "está".

Porque não só estou aqui como em Canaveral.
Aqui, entre a família dos meus objetos;

aqui, na geografia dos meus pés; aqui, na idade;
mas menino, em Canaveral.

O "Pioneer" subiu com a sua enorme cauda branca,
o ôlho fora da órbita, rumo à lua,
e a maravilha pôs em pânico os meus olhos.
Me pareceu um rojão de lágrimas... Por quê?
Talvez porque havia algo de triste
no maravilhoso...
Mas eu fiquei sendo, outra vez, menino,
em Canaveral.

Meus antigos brinquedos,
montanha russa, carrossel, roda gigante,
o batiscafo em que a sereia, hoje, mora,
no fundo do mar,

a ave fabulosa que me transportaria à lua
em minhas horas de inocente, angélica astronáutica,
passaram a ser brinquedos para adultos
que não sabem brincar.

Ou são terríveis realidades, nas mãos
de crianças grandes?
Só sei que hoje voltei a ser menino
(repentino)

Mais menino (que fui) do que aos oito anos
em S. José dos Campos.
Mas em Canaveral.

MULHER RECÉM-MORTA NUM DESASTRE

Brusco desencontro
de um minuto com a mão
que fechou uma porta,
e ela caiu na rua, morta.

Ei-la, agora, em decúbito
dorsal, o antigo olhar
apagado, tão de súbito
que continua a olhar.

Indagar pouco importa
quem é, se tem jóias,
se é uma mulher qualquer.
É uma mulher morta.

Ó rosas, ó coisas pequenas
do mundo em que ela viveu.
Compreendo vossas penas.
Jamais sereis vistas

por aquela que vos deu,
na paisagem que lhe coube,

e por quem foi, a graça
de serdes quem sois.

Só existiu quem foi visto
por seus olhos vigentes.
Não quem chegou antes,
nem quem chegar depois.

Quanta idéia amarga
em meu incontido susto.
E, se contive o pranto, a custo,
foi por não conhecê-la.

Um dos homens da rua
fêz mais, porém. Ao vê-la,
já não esperou a assistência,
cruel flor de ausência.

E — mão suja de operário —
(grosseiro, em seu cuidado)
fechou-lhe as pálpebras, lesto,
como se fôsse algum culpado.

Com mêdo de ser visto
por seus olhos, tão distantes
que pareciam estar vendo
algo jamais visto antes.

ROLAMUNDO

SAIOTE curto — girassol de plumas —
a Zuleika do circo apareceu andando
sôbre uma esfera de safira, ah, se me lembro!
Foi como — eu menino — acreditei que a terra
era redonda como a lua e o sol.

Nunca pensei, porém, em ficar rolamundo.
(Boneco de dormir e de acordar).

Será que só se perde a inocência quando se descobre que a terra é redonda?

O arco anil do mar, a sua sombra projetada
na lua, me são, já, reminiscências da infância.

Hoje numa fotografia americana ou russa
lhe posso ver de perto o rosto, o enorme rosto,
cheio de rugas e de tartarugas.

Rolamundo, Rolamundo,
obrigado a fazer uma viagem em redor do planêta.

Dói-me o sapato clandestino. Faço
da nuvem um lenço pra me despedir da paisagem
em azul sustenido.

Já não tenho, porém, um lugar onde estar.
Nem mais na lua malabar, nem no mar
perpendicular — tigre verde com olhos de vidro.
Por não saber respirar dentro da água.
Por falta de uma carta de mar-e-ar.
Por não ter aprendido, ainda em menino,
a velha arte de circun-navegar.

No país dos antípodas escondi-me
atrás de mim mesmo. Como quem se escondesse de
[um crime.
Por me haver parecido caminhar,
de cabeça pra baixo ou — mais lògicamente —
em cetim fôfo, com os pés nas estrêlas...
Por falta de um lugar onde eu estar.

Um disco voador desceu sôbre mim (humorismo)
quem és, "pobre vivente" ou "caniço pensante"
que te agarras, assim, à cintura terrestre,
por querer um lugar onde ficar?

Passei em meio a uma multidão de turistas
distraídos em ver a Esfinge e fazer-lhe perguntas
que ela não decifrou por tudo, hoje, ignorar.

Vi povos ululantes. Fiquei nu. Expulsei, louco,
todos os mitos que habitavam o meu corpo.

Buscando uma cidade absurda e repentina;
uma cidade da esperança, sem saudade.

Lavei as mãos azuis na água do Nilo.
Por querer me tornar, talvez, mais inocente
do que uma andorinha nos fios do telégrafo.

Onde estará Zuleika,
a esta hora, sôbre a sua esfera de safira?

Entrei numa floresta, entre bobos e lôbos.
E não cheguei a ver a imagem do crescente.
Mas, minha cabeça — que uma noite chinesa,
com a sua foice alva, me havia decepado —
flutuou de novo, de manhã, na água do meu espelho.

E eu tive que levá-la, novamente,
sôbre o meu ser — como um globo ocular.
Assim como quem leva uma fotografia
pra na fronteira se identificar.

Estás errado, ó Deus, no Teu desígnio
de nos fazer dar tantas voltas no mundo,
desde que se começa a andar sem parar.
Como se a mortificação, sob o Teu signo,
nos fizesse querer a morte ao fim do dia,
como quem procura um lugar onde estar.

Faze com que, neste rolar, por sôbre a geografia,
sintamos — búzios de fadigas e cantigas —
uma vontade de dormir tão forte
que, como o sono vem, nos venha a morte.

E reiniciei a viagem tropeçando nas ilhas,
tão pouco residente onde resido
que o meu relógio ficou cego e eu sem eixo,
entre bobos e lôbos.
Escorregando lá e ali, prêso a uma franja
da esfera, ou a um simples ramo de árvore.

(Boneco de dormir e de acordar).

Agora estou aqui, por falta de onde estar.

Como uma vespa sôbre uma laranja.

A BORDO DE "BELAVE"

(Poema Trifásico)

Sou o passageiro
de um disco voador.
Sei que já tiraram
uma fotografia
do objeto secreto
em que viajo em flor.

Mas eu vou tão secreto
que uma fotografia
será um poema concreto.
E eu, com o meu amor,
continuarei objeto
de outras fotografias
sôbre a ilha Trindade,
ou na ilha da Saudade,
porque viajo em flor.

O meu disco voador
tem a semelhança
de um veloz malmequer.
Mas, para onde irei?
Seja pra onde fôr,

leva-me só a esperança
de uma outra cidade
onde viverei
sem roque nem rei.

A saudade, também,
não sei de onde me vem.
Terá vindo da serra?
De algum ponto da terra
cheio de agreste olor?
Ah, como o saberei,
neste objeto secreto
em que viajo em flor.

Então pego na lira
que há tanto não suspira
por um poema de amor
e, no objeto secreto,
em que viajo em flor
bilacìssimamen-
te declaro ao meu bem:

"É uma esperança que não sei pra onde me leva;
é uma saudade que não sei de onde me vem".

Só pra viajar em flor.
Só pra sentir o gôsto
que têm, numa outra língua,
ou numa outra cidade,
a esperança e a saudade.

Ave, bela ave,
ave, belonave
uma ave, uma nave,
ou uma bela nave,
seja lá o que fôr
o poema concreto
em que viajo em flor.

Foi assim, certa vez,
que — num disco voador —
fugi com o meu amor.
Sem necessidade.

MUDANÇAS DE RUA E LUA

Numa hora de zanga, Jim Hull
mandou cortar, pelo pescoço
os girassóis em ouro e brasa,
defronte à sua casa.

Por lhes ver na flor a imagem
dos que andam atrás do sol?
Ou por ciúme de quem ama
a coroa da sua flama?

Por ficar sem função, na terra,
quando o sol se vai, o rosto
que o dia perpendicular
deixou de iluminar?

Apenas porque os girassóis
não giravam em seu redor.
Antes, lhe voltavam a face,
olhando a rua, olhando a lua.

Lua e rua que eram, ontem,
duas palavras de serenata

(lua dos loucos, sol da demência;
rua dos balcões de prata).

Lua e rua de mãos dadas
e que são hoje duas palavras
ásperas, no destino
do mundo repentino.

ROBÔ

A Sérgio Milliet

Nesta hora de azul sintético e lágrimas
mecânicas,
o céu me secou os olhos.

Tanto se proclamou o desprestígio da lágrima,
tanto se disse que um homem não chora.

Coração teleguiado, robô mágico,
cabeça quadrilateral, lâmpada de Belfogo
(lâmpada de relâmpago e retrolâmpago)
tornei-me um demônio estéril.

Sem noção dessa coisa imensa que é uma
lágrima de homem.

Faço luas, sem luar, subir e do ar descer.
Brinco com elas
como num jôgo (malabar) de cuspir (fogo)
para o ar.

As estatísticas também sobem e descem
por falta de lógica lírica.

Os números da alegria e da tristeza são
33.

Os retirantes que Portinari pintou num mural
choram pedregulhos, ao invés de lágrimas.

Fotografei, já, a face oculta
da lua, porém cada vez que subjugo um mistério,
em maior número outros levantam a cabeça
em azul cemitério, como girassóis.

Reúnem-se os deuses da mecânica celeste
numa mesa de jôgo.
Querem ver meu cardiograma.

Ferrugens vivas, como formigas ruivas,
já a armadura de metal me comem.

Mas, ao fim, o que eu sinto é uma necessidade
sêca de chorar, no ombro de alguém,
ao menos uma lágrima (uma lágrima de homem).

ZEBEDEU E O ECO

A NOTÍCIA correu, a hora bateu,
o sangue me escorreu, ah, era eu.

O que o céu me deu: olhe, isto é teu,
o próprio céu levou: ah, era seu.

E o sapato, que me pertenceu
só porque ninguém quis? ah, era meu.

Cada pergunta: quem morreu?
não está dizendo, não está repetindo
que-fui-eu que-fui-eu que-fui-eu
no ditongo da última sílaba?

O sandeu, o plebeu (que não sabem,
sequer, quem sou eu)
gritam que fui eu!

Em mim, ninguém; mas ninguém senão
eu

irremediàvelmente eu.

Em meio aos circunstantes
alguém fingiu que não me conheceu:

o único sabedor de que era eu.

JOANA SEM

No vaso de cristal
tem a rosa pluma.
No circo tem o bôbo.
No azul tem o cão
(cão de fogo do além).
No coração de Joana,
flor nascida na rua,
o que será que tem?

No alto do Corcovado
tem um Cristo aberto.
No céu tem o avião.
Na igreja tem um anjo
feito de cetim.
No jardim tem um fauno,
flauta de mosaico.
Tem a ninfa também.
No coração de Joana,
que perdeu sua rosa
(mas ainda em botão)
o que será que tem?

No fundo do bambual
tem a moita de angélica.
Nos bancos da praça
tem, em dinheiro azul,
a fortuna da fábula.
Dentro do palácio
o rei tem seu harém.
No coração de Joana,
o que será que tem?

No próprio paraíso
tem a árvore chamada
do mal e do bem.
Em que fruto está o mal?
Qual o que o bem contém?
No coração de Joana
não entrou ninguém.
Não se sabe o que tem.

N'água do paul
tem a flor da cecém.
Mas, pergunta-se: quem,
até hoje, já soube,
no coração de Joana
— a pequena flor suja —
o que acaso tem?

No alto daquele morro
tem a tempestade
que de longe vem.
No fim da tempestade,
monstro, ou sol marinho,

o arco-íris bebe vinho.
Na gaiola do cego
tem um passarinho.
No coração de Joana
não se sabe o que tem.

Daqui a duzentos anos
quem saberá de Joana?
E mesmo hoje, ao meio
do planêta feérico
onde uma estreladada
poderá destruir tudo,
sem rasto de ninguém,
que me adianta saber
no coração de Joana
o que será que tem?

A respeito de Joana,
sem brinco, sem grampo,
não há o que não se saiba.
Sua vida é um jornal,
ou um pirilampo,
que anda de mão em mão,
como num jardim público.
No seu coração, porém,
quem saberá o que tem?

No azul tem um cão.

Na noite nuclear
tem o disco voador.
No mundo de hoje, quem

não é inocente? Quem?
Ah, no azul tem um cão
que não morde ninguém.
No coração de Joana
(pobre Joana Sem)
o que será que tem?

O REI DAS ILHAS

A Valdemar Cavalcanti

Ilhas, cabeças
à espera do corpo
num caos bíblico
depois do Dilúvio
quando tudo era só
o espírito de Deus
sôbre as águas.

Ou quando não havia
sol, mas só ilhas,
para as primeiras naus
no caos.

Ilhas no papel,
postas de carne ex'postas
pra começar de novo.
Quero o meu poema
assim, est'ilha'çado,
feito só de ilhas:

espelho

naipe

rosa

uiara

peixe

lua

alga

sangue

Pedaços do meu ser
jogados num mar vivo.

E eu serei rei das ilhas.

E eu — rei — afagarei
as suas cabeças como
as de minhas filhas.

F'ilhas mal'trap'ilhas,
pretas, azuis, que importa?

Ilhas
em cada beco, em cada
canto,
no mapa polinésio
do meu pranto.

POEMA EM RIMA OCULTA

Hoje o meu poema é para Olívia
e eu direi tudo em rima oculta.
Ó flor animal e multívia!
A linha reta da esperança
passa, também, entre nós dois.
E, se a fonte do nosso amor
estiver mais lá, para o norte,
eu ficarei, todo, azul.
E se estiver bem-mais ao sul?
Te direi tudo em rima oculta.

Quando eu te der um simples ramo
de vandas que estão floridas,
agora, e talvez mais que nunca,
já estarei mais ao sul que ao norte
da linha reta da esperança.
E cada orquídea que eu te der
terá ao norte o nome de orquídea,
ao sul o de uma flor qualquer.
Cujo nome não direi nunca
pois digo tudo em rima oculta.

Se eu te disser: sou um gaturamo,
bem sabes que o nome do pássaro
será outro. Êle apenas gorjeia
na rima oculta em que me inflamo.
Poesia, ó verde céu convexo,
numa inflamação de palavras;
incêndio brusco que lavras
além da linha da esperança;
não serei mais que o teu reflexo,
dentro de uma rima oculta.

Mas, se a fonte do nosso amor
estiver além do horizonte?
Então que a sêde me transporte
para o chão sem geografia
onde o amor faz nascer a morte.
E, sôbre a linha da esperança
seremos, os dois, um só fruto.
(Poesia, ó verde céu convexo!)
E algo haverá de tão afoito
que te direi só em rima oculta.

(Hoje o meu poema é para Olívia
que foi morar na Bolívia).

ROLAMUNDO (2)

VIAGEM sob três arcos:
dormir sob um arco de ponte, enquanto
os automóveis de luxo passam
em cima;

ou caminhar sob o arco
do horizonte que acompanha algum
barco;

ou sob o arco-íris que se ri
de um homem sem sapato,
(R descarrilado na montanha.)

Já não tenho um lugar,
onde tudo ou é americano ou russo.

Só tenho êsses três arcos,
Qual dêles o meu arco de triunfo?

MARIA AZUL

Não bastará mudar o nome à árvore
chamando-a por outra coisa.
É preciso inventar uma outra árvore
em lugar desta que só dá flôres
como as conhecemos.

Talvez o perfume das flôres possa,
em nossa imaginação, suscitar outras
flôres.

Fique a imaginação livre de árvores
e de camélias. Imaginação
que é espaço, que é o ser espacial.
Porque sem a limitação das formas.
Porque capaz de criar um novo rosto
às coisas.

Não bastará dar outro nome às coisas
e aos sêres.
Mas num espaço não comprometido pela
gênese, a imaginação

não será só uma mudança de objetos
sôbre a mesa,
mas criará seus objetos, suas flôres.

Mas não à imagem nem à semelhança
do que foi feito sem a nossa audiência.

A vida não é apenas uma coleção
de objetos achados.
Nem um simples aquário de moluscos
dourados.
É uma maria azul, ainda sem sexo.
Magma de estrêlas e de caramujos
num vidro convexo.

METAMORFOSE

A Moacyr Félix

Senhora dona Sanja
coberta de ouro e prata,
descubra o seu lindo
rosto.

Mas, adulto, não
esperei que dona Sanja
descobrisse o seu rosto
de prata e de ouro.

E fui, eu, fotografá-lo
lá do alto.
Mas fotografei, em vez,
o rosto da Terra
em prantos.

Senhora dona Sanja,
descubra o seu lindo
rosto.
E fui fotografar, da lua,
o rosto oculto.

Brusca metamorfose
entre o menino e o adulto.

Senhora dona Sanja
e lhe ergui a franja
que cobria o seu rosto.
Ah, só o suicida
pode olhar, de frente,
o rosto da vida.

Só o cego
pode olhar, de frente,
o rosto do sol.
Só o girassol.

O CÉU SALTOU DOS TRILHOS

I

A XÍCARA de café
lembra um pequeno pássaro
de asa branca
que me quisesse voar da mão.

Pela janela de vidraça azul
o céu saltou dos trilhos.
As letras dançam no papel.
Mais fácil escrever teu nome
na onda infiel
que o ler num jornal em fuga.

Onde o tempo
em que se escrevia um poema
numa fôlha do mato, na areia,
no ouro moreno de uma praia,
no dorso de uma tartaruga?

Tomo a nuvem por lenço
e me despeço da paisagem,

minha mulher verde.
(Não houve tempo, sequer, pra decifrar
o nome da pequena estação
por onde acabo de passar.)

II

Túneis de olhos dourados
uns atrás de outros rapidíssimos
como numa Côte d'Azur.

Nunca houve tanta migração
de andorinhas.
Nem tanto chôro de crianças
no trem dos imigrantes.
Nem tanta dúvida no porvir.

Nunca houve tanta fuga para o Egito
nas gravuras.
Nem tanta falta de um Egito
para onde outra Nossa Senhora
fugir.

CORAÇÃO (SUS)PENSO

Conto as saudades pelos dedos:
uma, a da separação
pela dist'ância. Ânsia (eco)
por alguém que há de voltar.
Pura saudade, ainda inocente,
indígena, elementar.

Outra, a da separação
pelo tempo morrido, a lusa,
a obtusa — filha da tristeza —
teimosa queixa que a recordação
nos deixa. A — sem remédio —
saudade peninsular.

Outra, agora, esta saudade
da terra, vista do ar.
A saudade, memória da asa.
A dor imaterial do espaço
entre o estar e o não estar. Esta
saudade perpendicular.

Já tentei – bicho terrestre –
tôdas as modalidades de fuga.
Num batiscafo, num foguete
lunar, numa funicular.
E agora tenho o coração sus-
penso no ar.

No complicado labirinto
do entre o que sonho e sinto,
sinto com a cabeça, penso
com o coração (sus)penso.
Já pensei em fundar uma estação
da terra vista do ar.

Não mais me punge a antiga
saudade peninsular.
Punge-me a nova saudade,
muito mais grave (penso) Esta,
da terra vista do ar,
saudade perpendicular.

AVE EXTRAVIADA

I

Pequena esfinge,
vinda da noite por um êrro de ótica.
Amanhecida sôbre a mesa exflor,
onde escrevo.
Pousada sôbre a geometria branca
do dia.

Ave grave.
Ave que a noite fêz envelhecer antes do tempo
(a noite é que enferruja as coisas jovens).

Ave grave,
envelhecida pela noite
e grávida (de plumas) como tudo o que é grave.
Mas, como tôda ave, mágica, por ter asas;
por, na hora grave,
fugir à gravidade.

A noite é que enferruja as coisas jovens,
as aves, as plantas,
o rosto humano com que o teu se assemelha.

(O dia se levanta,
com uma estrêla d'alva a lhe servir de um só ôlho.
na testa).

II

Ave que a noite fêz grave.
Gato de plumas que abominas o fogo
e a fotografia.
Ave antidiurna que a manhã jogou aqui,
extr'av'iada, oblíqua.
Feição de fábula e sabedoria.
Com qualquer coisa
de trevo, pelo verde do imprevisto,
e de um augúrio, pelo gutural do canto.

És porventura uma pequena divindade
ou uma garatuja? rindo-te de nós,
escondida na treva, desde
que Deus criou o dia e nós ficamos cegos?

(Ou foi quando o homem,
que ainda hoje ri, mas de mão suja,
matou o seu primeiro irmão que te escondeste
na noite onde até hoje moras?

Onde até hoje ris,
insistindo em que eu fuja, em que eu fuja?
Mas, para onde?)

Crivo-a de perguntas.
Gasto o meu último sapato
de tanto lhe querer provar que a terra
é, hoje, uma montanha russa.

Mas os seus olhos são duas circunferências
de vidro,
num rosto gr'ave.

A TÔRRE DE H' BEL

A MÁRIO CHAMIE

O SOL dos anúncios
M H M BENZ CAFÉ 7 UP
brilha em gás néon.

A cidade tem olhos
de hortênsia. As ruas
são palavras cruzadas
(ou crucificadas?)

Um moscardo de vidro
se debate entre paredes
opacas.

O rádio está dizendo
que Pã nasceu de novo.

Uma tôrre de H H se eleva
repentina

H
H
H
H
H

do asf'alto para o alto.

Cada edifício
é um precipício, ou uma
escada?

Entre ambos, tranqüila,
a lei da gravidade

oscila.

TERRA INIMIGA

Já êle se equilibra
com pés de borracha, sôbre a curva
físico-azul, e elástica, do horizonte.
Para poder atravessar a linha que divide
o homem em dois.

Com uma lâmpada, que deverá ser turva,
porque o vigia acordará de súbito.
E, perseguido pelos cães de caça,
quem se afoitou a tanto, em fulva geena,
chorará pedregulhos sob os cactos.
Oremus.

Os olhos do vigia, monstro da fronteira,
são laterais como os da ave noturna.

Ah, oremus,
que êle terá, agora, que passar junto ao monstro,
mas tão de leve
(pois todo monstro é anjo enquanto dorme)
como quem passa junto de uma brasa
dormida, na neve.

Oremus, para que êle cumpra o seu desígnio.
Desígnio que arde no seu peito, aceso,
como uma ferida luminosa, em rosa.

Oremus, sim, mas de lábios azuis,
para que a estrêla da fatalidade o guie
entre pontas de espadas, fios tensos,
arcabuzes, obuses, luzes, cruzes.
Sem olhar para trás, como o da fábula.
E para que êle chegue ao alvo (salvo).

Senão por nós, ao menos pelas coisas
aqui encontradas, e que a pena arrostam
sem culpa de quem somos.

Senão por nós, então pelas crianças.

E pelos bichos de que as crianças gostam.

E pelos bichos de que as crianças gostam.

E pelos bichos de que as crianças gostam.

Oremus.

UM GRANDE ANJO CHIM

"Não fale mais
em coisas belas,
em fadas, em bichos,
em velhos caprichos,
etc.

Fale só em saudade".

Assim, agílimo,
um grande anjo chim
cortou-lhe a cabeça
com a sua espada
de espadachim;
mas tão sàbiamente
que êle nem soube,
e continuou falando
em coisas belas,
em velhos caprichos,
em fadas, em bichos,
etc.
Assim quem ignora

que morreu, o motivo
por que passou o tempo,
e não viu a hora;
pensa que está vivo.

Assim o ramo sêco
depois de cortado
ainda dando flôres.
Assim o boneco
que, depois de quebrado,
se conserva rindo
pela bôca das côres.

Ó meu irmão,
não te rias assim
do que já morreu
e pensa que não.

Quem nos dirá
se nossas cabeças
douradas, ou travêssas,
já não estão cortadas
por algum anjo chim
com a sua espada
de espadachim,
e com tais extremos
de delicadeza
que não o sabemos?

E continuamos
falando, ainda,
em coisas belas,

em coisas práticas,
em fadas, em bichos,
etc.

(Como enormes crianças
automáticas).

REINCIDÊNCIA

Estou nesta sala de estar,
mas não posso esconder a cabeça sob
as plumas de vidro.

Estou sob uma árvore, mas
a dos dourados pomos — a árvore mágica
"que nunca pomos onde nós estamos".

Mas, como estar aqui,
se estou também em Suez, na ilha Formosa
ou onde quer que esteja
o destino — hoje um só — das criaturas,
mais frágil que uma desfolhada rosa?

Estou lá longe,
depois do mar, depois de mim, não sei.

Teledorido como uma andorinha
que trocou, pelo onde amanhã estar,
o seu ser, que é voar.
Porque não sei onde amanhã estarei.

Estou em ti, Aretusa,
mas o teu coração onde é que está?
Onde?

MAZEPA

Para levar o meu potro
no mais doido galope
um ramo de roseira
será o meu chicote.

O ar ficará cheio
(a cada rosetada)
de pétalas — feridas
das rosas suicidas.

Cada patada em arco
no fixo horizonte
fará nascer um barco
e, na pedra, uma fonte.

Respiro (longo hausto)
o ar das suas narinas.
A sua ferradura
é a minha terra dura.

Agarrado às crinas
do Pégaso de ferro
vou de um país a outro
na asa do meu potro.

Sem rédea, nem enrêdo,
o azul se desenreda
na vertigem do gôzo,
no mapa da queda.

Tanto pra conversar
com o anjo futuro
como, no chão, com o ofídio
belo e lustroso.

E tanto colho a flor
no alto do seu galho
como rolo ao abismo,
incôr, de hidro vidro.

Então beijo na bôca
o vento que me trouxe
e depois suicidou-se
na sua rosa-mundi.

Subir, forma de ave
com pés de memória.
Cair, a única lei
que me torna grave.

COMPETIÇÃO

O MAR é belo.
Muito mais belo é ver um barco
no mar.

O pássaro é belo.
Muito mais belo é hoje o homem
voar.

A lua é bela.
Muito mais bela é uma viagem
lunar.

Belo é o abismo.
Muito mais belo o arco da ponte
no ar.

A onda é bela.
Muito mais belo é uma mulher
nadar.

Bela é a montanha.
Mais belo é o túnel para alguém
passar.

Bela é uma nuvem.
Mais belo é vê-la de um último
andar.

Belo é o azul.
Mais belo o que Cézanne soube
pintar.

Porém mais belo
que o de Cézanne, o azul do teu
olhar.

O mar é belo.
Muito mais belo é ver um barco
no mar.

O FIM DE ZEBEDEU

DESCANSEM o meu corpo solitário
sob um cubo de cal.

E escrevam nêle, em letras pretas,
três sílabas, apenas:

Z E B E D E U

Numa inscrição que o musgo,
quando crescer, irá cobrindo, aos poucos.
Até deixar um resto de palavra:
... EU

(o que morreu)

Um EU que tanto pode ser o fim
de Zebedeu
como EU de Orf'eu.

O CÃO E O CACHORRO

I

Não galgo, ôlho azul,
fidalgo.

Mas um simples cachorro.
Já sêco.

Não cão
de uma constelação.

Mas um simples cachorro
de beco.

Não um cão do rei
Artur.

Mas um simples cachorro,
"tout court".

Já reduzido a um osso,
de magro.

Osso comendo um osso:

O osso que êle é,
por fome;

e o osso que êle come.

II

O fim
do mundo será assim:

à míngua,
e já em outra língua.

Um cão
que se fêz cachorro.

Roendo um alvo osso
no beco.

(O seu derradeiro
almôço).

De quem será êsse osso?

MULHER DISTANTE

Não sei se irei para aí
num helicóptero dourado.

Se te mandarei uma carta
num foguete ca'balístico.

Se enviarei minha saudade
dentro de um disco voador.

Ou a minha fotografia
pelo telégra(f)alado.

Tão brusca em seu ir tão brusco
que nas tuas mãos pouse,

ainda orvalhada de susto.
Qual dessas, afinal, seria,

em sintaxe furta-côr,
a maior prova de amor?

RELAÇÃO DE VIAGEM

Subo ao céu num foguete lunar.
Desço ao fundo do mar num batiscafo.
Não há espaço, não há um ombro
de promontório ou seio de uma enseada
para a angústia em que me fotografo.

Volto ao meu gabinete de trabalho.
E — Jeremias, sêco, olhos de vidro —
ponho o globo terráqueo azul
sôbre a mesa e o esmiúço:
como sendo tão grande (Europa, Ásia,
África, América, Oceania)
não cabe nêle o meu soluço?

Segunda Parte

O Boi de Jim Hull

(*Cartoons* para
um filme à Walt Disney)

A Jorge Amado

O BOI DE JIM HULL

1

Que farei, agora?
Montar meu Boiazul.
Ontem, touro espanhol.
Hoje, sem o adôrno
das duas hastes de sol.
Que não, mas que foi.

2

Quero sair a campo
montado no meu boi.
Fulva crina postiça
e um saiote a enfeitá-lo.
Pra fingir que não.
Que é um gentilcavalo.
Ou um hipo do campo?

3

Montado no meu boi,
irei ver se caço
— a cutelo ou a laço —
nesta babilônica

floresta de cimento
o acontecimento
que está sôlto, na rua.

4

Matarei as palavras
que encontrar no caminho,
cujos significados
me amarguram tanto.
Reduzindo-as a simples
frutos desidratados.
A copos sem vinho.
A olhos sem pranto.

5

O acontecimento
canta como um galo
no quintal do vizinho.
Ou zurra — urso de côr —
na galeria azzurra.
Mas, irei caçá-lo.
Galo, urso, o que fôr.

6

Só assim viverei,
graças ao sol e à lua,
como um pequeno rei,
num mundo sem jornal,
sem notícia, sem sal,
num país taful
que é o mundo do nenhum
acontecimento.

7

E, dito isto, Jim Hull
ouviu cantar o galo
no quintal do vizinho.
Que aconteceu? Que foi?
Não foi nada. Uma flor,
objeto indireto,
na ponta de uma lança
e ei-lo, lesto, montado
(borrifado de sonho)
em seu Boiazul.

8

Boiazul é o boi
do otimismo risonho.
Boi de quem sai à caça
do acontecimento
que mora nesta rua.
E que pensa voltar,
trazendo, na garupa,
o couro de um tigre.
Upa, meu boi, upa!
Mas traz uma tulipa.

9

Boiazul é o boi
de quem só vê o azul:
o azul do que foi,
o azul falso do escudo,
da onda, da montanha,
e que só vê o não
acontecimento;

o não sol, o não vento.
É o boi de Jim Hull.

10

De quem só vê no campo,
olhos de pirilampo,
mastigando pequenos
objetos gráficos
o seu boi beautiful.

11

Boi sem chifres do não
acontecimento,
do não sol, do não vento.
O seu boi que foi.

12

Mas quem não tem, em casa,
por excesso de azul,
o seu boi de Jim Hull?

Festa no Morro

(Pantomima)

1

No alto daquele morro
tem uma palmeira
que já foi princesa.

Mas um "m" de fogo,
caído do Zodíaco
sôbre sua Alteza,
cortou-lhe a trança verde.
Ficou-lhe, só, o osso.

(Tristeza pernalta).

No alto daquele morro
como em cruel esbôço
da condição mais vil,
vista de perfil,
tem apenas, um osso.

No mar, um barco
que chegou da China
(barco de um pirata?)
enfeitado em arco.

No alto daquele morro
tem a pequena banda
de anjos descalços,
cornetas de lata
(áspera serenata).

(Pequenos anjos falsos).

2

Mas tudo sem palavras.
Só gestos, côr e sombra.
(Pantomima).

Que adianta alguém, lá em cima,
gritar por socorro?

Só se vê a silhueta
da palmeira tísica
na estampa do morro
(metáfora física).

O mais são figuras
sem nenhuma fala.
Gente semovente
mas de quem não se ouve
a alegria, o protesto,
o que há, o que houve.

A cidade grande
é quem fala alto.
O mar wagnerdoudo
toca piano no asfalto.

3

Palmeira, agora osso,
mastro de S. João
bandeirola alva
ao vento, agnus Dei.

Agora simples osso
de palmeira estrita,

ei-la na paisagem
de lápis-lazúli,
o corpo besuntado
de óleo liso e grosso.

Palmeira segurando
na mão sêca,
erguida para o céu,
uma moeda de prata.

Moeda que algum magnata
em visita ao morro
(manipanço, prognata)
pra se divertir
fêz amarrar lá em cima

(uma moeda de prata
na mão de um faquir)

para que os garotos
vão buscá-la, brincando
de subir e cair
no chão sem solução.

4

Mas, seria mesmo
uma moeda de prata?
ou um ôlho de prata?
arregalado, ôlho
da fortuna, burguês,
ôlho arregalado
de um bezerro de prata

que surgiu de repente
mas ficou escondido
na paisagem de lata?

Há três dias a cena
é a mesma, a mesma, a MESMA.
Os meninos magros
sobem, uns atrás de outros,
ao osso da palmeira,
viscoso como lêsma.

Anjos de cara torta.
Filhos de um céu bêbedo
e de um vão de porta.
Chilras flôres bulhentas,
bonecos de engonço,
meninos sem Deus

(ôlho de prata, prata!

ôlho de prata, prata!)

em alado esc'ar'céu
de esc'alar o céu.

Uns suados, e rotos,
sujos de graxa e pó,
outros equimosados
já de tanto subir
a escada de Jacó,
já de tanto cair
do esqueleto prêto
no solo sem acústica.

5

Chuva caindo na água
como um pássaro líquido
que não quer voar.
Tarde descendo, rústica,
làcrimodourada.
Lusco, um sol molusco
escorrendo do morro
pra morrer em sal.

Noite vindo, afinal,
como um pano de teatro.
Um grilo, petigrilo,
grilindo, na sombra.

Os moleques dormindo,
sonhando alto no chão
das mil e uma noites.
Entre a moeda, ôlho
de um bezerro de prata,
suspensa, lá em cima,
e o pirata
que chegou da China.

6

Hoje
jornal das cinco
pássaro de papel
porta sem trinco

letras

pretas

10

sangue

preto

anjos

morro
morr'ido

garotos
trom'betas
de lata

fotografia
(close-up)
da moeda de prata
lá em cima

belo
belo

ôlho de um bez'erro
de prata

olhando

ent'êrro

7
No alto daquele morro
tem uma palmeira.

Rei Morto, Rei Torto

(ou o belociclo do espelho,
fim de uma fábula)

1 — Éramos quatro conduzindo o imenso objeto de cristal. O guarda do Palácio das Necessidades nos pediu que o fizéssemos sair pela porta dos fundos, à noite.

2 — Como se conduzíssemos um terrível objeto roubado; difícil, porque fulgurante.

3 — O seu lugar "seria o ôlho da rua"; disse-nos. Velha estrêla quadrada e cega. Além disso: Espelho torto quer dizer espelho morto.

Fatídico. Foi diante dêle que a rainha se fêz picar pela serpente pra ver como "seria bela, no seu rosto, a morte".

4 — E ei-lo, graças ao nosso suor, pôsto numa carrêta e, afinal, levado para o ôlho da rua.

Oferta paternal d'el-rei ao povo; às mulheres magras e aos anjos do beco, que nunca tiveram espelho.

5 — O público, porém, o contempla em vão; a face que vê já não é a sua.

A lua desce por dentro das árvores, em fila, pra se espiar nêle; mas também em vão; não encontra mais o seu retrato.

Só encontra os seus chifres. O seu pente transato.

6 — A cidade, cabelos em fuga, como uma cubo-medusa fabulosa, quer se ver dentro dêle, mas também em vão. Vê apenas tubos e cubos. Vê o seu suor de concreto. O seu pranto geométrico.

7 — No entanto, fôra êle tremendamente belo. Presente que el-rei de Somália havia mandado a el-rei de Sodomália.

8 — Mas el-rei de Sodomália, a conselho de Circe, a bruxa, ou por lhe atribuir (ao espelho) a face torta e a corcunda que possuía, resolveu ofertá-lo ao povo; às mulheres magras e aos anjos do beco, que nunca tiveram espelho; e que só lavavam as suas feridas em água suja.

9 — Nenhum mais belo presente ao povo que um espelho coruscante, pôsto no ôlho da rua.

10 — Mas onde agora o deus convexo que êle foi? O monstro duplo, que fazia de uma rosa duas rosas, quatro, oito rosas, uma em frente da outra, em sua multiplicação sem gênese?

11 — Não se sabe por que, mas o tremendo objeto resplandecente não responde mais a nenhuma pergunta. A face rútila, mas defunta.

12 — Antes, lembrava um dragão chinês, que houvesse engolido o horizonte. Como o elefante engole o rouxinol e gorjeia, de tromba erguida para o sol.

Como a jiboiaçu engole o touro e mais seus dois galhos de ouro.

13 — Grande desmemoriado. Não guarda, sequer, a figura de mulher egípcia que viu nua, na Côrte.

Assusta só pelo fulgor, pela moldura em trevo, cheia de figuras capricórnias, cabeças aladas e outros ornamentos esculturais em alto-relêvo.

14 — Os garotos, os anjos da rua, se aglomeram pra vê-lo:

o 1.º garôto: que negócio obcluso é êste, de ôlho apagado?

o 2.º garôto: uma lanterna mágica, já sem uso?
o 3.º garôto: um cinemascope que engoliu as cenas censuradas pela polícia, por obscenas?

15 — Pobres anjos do beco!
Não sabem que êle engoliu o horizonte.

16 — Acontecimento, jarro, rosa, figura, árvore, povo, anúncio, avião, jornal, automóvel, homem que se suicidou jogando-se de um trigésimo andar (o sangue lhe escorrendo por um canto da bôca) tudo já sem perspectiva, em seu — um em frente do outro — diálogo com o sol.

17 — Uma velha sereia, com uma nódoa de vinho ao rosto, procura, em vão, na água perpendicular, o seu olhar de monalisa, o seu perfil nuclear.
Há mais naufrágios, ou maior número de náufragos dentro dêle
que no fundo do mar.

18 — Certa manhã, porém, fogo! fogo! Surgem anjos pelas janelas, sem asas. A manhã fulgura, tôda, no imenso cristal aceso.
Belfulmo. Belerofonte.
O espelho incendiando a cidade!
belo
bélico
babélico

19 — Chega a polícia técnica, sôfrega.
Quer apagar a faiscação monstruosa que ameaça reduzir a primeira quadra da rua a uma esquadra.

Cada esguicho é uma chibata de prata batendo no rosto do espelho.

20 — O 1.º policial: o seu lugar mais lógico não seria uma casa de loucos?

O 2.º policial: ou num circo? num museu? com catálogos de desfiguras e desmemórias?

O 3.º policial: pois vocês não vêem que não é com água que se apaga um espelho?

Que não é do espelho êste incêndio?

Que estão tomando o reflexo por Juno, sem indagar a origem do fogo?

21 — A essa altura, porém, um galo de quintal anuncia que Pã nasceu de novo.

E — grande rosa descalça — a manhã entra na cidade pela porta do espelho como por uma "Puerta del Sol".

22 — Todos os relógios se haviam tornado obsoletos. Com os ponteiros caídos em ângulo agudo. Como pássaros mortos dependurados pelos pés no meio-dia, e com os bicos entreabertos nas seis horas.

(Quem foi que disse que o espelho estava morto porque torto?

Morto estava o mundo que êle refletia. Torto estava el-rei.

E — rei torto, rei morto.)

Toada pra se ir a Brasília

TOADA PRA SE IR A BRASÍLIA

Vou-me embora pra Brasília,
sol nascido em chão agreste.
Como quem vai para uma ilha.
A esperança mora a oeste.

Vou-me embora pra Brasília,
por determinação celeste.
Pouco me importa a distância,
lá encontrarei minha infância.

(Não foi lá que meu avô,
pra encantar crianças grandes,
num misto de magia e mágoa,
um dia pôs fogo na água?)

Vou-me embora pra Brasília
porque neste azul marítimo
a paisagem me faz mal.
Por excesso de azul e sal.

Vou-me embora pra Brasília
que já nos meus olhos brilha,

porque é a única cidade
onde não haverá saudade.

Sei que no fim desta rua
tem um sertão que se chama,
que se chama solidão...
É onde mora meu irmão.

Para que serve a grandeza
dessa solidão em flor
se lá não fôr o meu amor?
Pra morada da tristeza?

Vou-me embora pra Brasília.
Aqui o barulho do mar
não me deixa ouvir a queixa
do meu irmão, no sertão.

Vou-me embora pra Brasília,
pois tudo o que vem de fora
já me enfara, já me cansa.
Só me traz desesperança.

Ah, eu não sei mais partir
e, a tôda hora, chegar,
como acontece a quem mora,
como eu, em frente do mar.

Tenho a chave do futuro;
não quero outra maravilha.
Que os outros viajem prá lua,
eu não; irei pra Brasília.

Brasília de asas abertas
pra me contar, em segrêdo,
o dom de acordar mais cedo
do que os pássaros no arvoredo.

Brasília onde se diz que houve
uma lagoa dourada.
Brasília onde Oscar Niemeyer,
arquitetou — rosa em arco —

o Palácio da Alvorada.
E nesta noite em que vivo
eu preciso é de alvorada.
Não preciso de mais nada.

Vou-me embora, vou sem mágoa.
O coração do Brasil
deve estar mas em seu peito,
não aqui, à beira d'água.

Vou-me embora, satisfeito.
Não sou nenhum girassol
mas padeço de um mal bíblico
que é correr atrás do sol.

Solução a quem espera
por um mundo menos vão.
É fugir para o sertão
e esconder-se atrás da esfera.

Chegarei de madrugada,
quando cantar a seriema.

Brasil, capital — Brasília.
Onde mais bonito poema?

Vou-me embora pra Brasília,
que já nos meus olhos brilha.
Porque é a única cidade
onde nunca haverá saudade.

NOTAS

1) "em que me eclipsidro" (p. 40).

Quis o A. lançar mão de um recurso ideogrâmico, ou ideográfico, para, numa só palavra, incluir cinco significados diferentes: *eclipse, clepsidra, elipse, hidra, vidro. Eclipse* do ser, no mundo feérico; *clepsidra,* o tempo fluindo na água; *hidra,* a secura a que, com a passagem do tempo, a criatura fica reduzida. Hidra, como a aplicou Mallarmé: "une créature qui emprisionne la pluie dans les nuages et, de cette façon, cause une sécheresse (*Les Clefs de Mallarmé,* Charles Chassé, pág. 110); *elipse,* pela supressão do elemento conectivo entre uma palavra e outra; *vidro,* o da vidraça, contra o sol ofuscante.

2) "Vou-me embora pra Brasília", em *Toada pra se ir a Brasília* (155). Pode fazer lembrar o "vou-me embora pra Pasárgada", de Manuel Bandeira; mas trata-se de uma expressão popular, nossa, como já explicou Mário de Andrade. "Vou-me embora", por motivos óbvios, tornou-se comum, como refrão nas cantigas do povo.

3) O *Rei das Ilhas* (98): o elo discursivo é interrompido por um *mapa polinésio,* de palavras *ilhadas* com incorporação do espaço em branco ao poema em função do poema. O verso

F'ilhas mal'trap'ilhas"

representa um processo oposto ao de "me eclipsidro"; é "diaclásico", como diria Edgard Braga. Trata-se de duas palavras fraturadas em cinco: *filhas* que se fratura em *ilhas;* e *maltrapilhas* que se parte em *mal, trap*(o) e novamente em *ilhas* (sem se falar na vaga idéia de *ilhas* em *pilhas* (pilhadas ou empilhadas).

4) Quatro personagens (*dramatis personae*) funcionam neste livro: Jim Hull, Lazar Dourado, Zebedeu e o narrador, cujo coração bate entre a "espera e a esfera". Talvez caiba uma referência, também, aos poemas em *xilogravura* e aos *em rima oculta,* como simples tentativas de uma nova solução lírica.

5) Um tema *constante* do livro é o do *estar ou não estar,* substituindo o do *ser ou não ser,* na esfera de hoje, em que o

homem *é* menos do que *está*, por ter o seu destino ligado ao de outros homens, onde quer que estejam.

O tema se desenvolve em várias passagens do livro e termina por uma *fuga* para Brasília, no mundo do estar ou não estar.

Hoje estamos aqui, mas onde amanhã estaremos?

A esperança estará numa cidade fora da esfera. Inventada.

Cidade sem saudade.

É uma solução.

ÍNDICE

PÁG.

UMA POESIA DE TESTEMUNHO — Mário da Silva Brito 7

PRIMEIRA PARTE

UM HOMEM NA ESFERA

Um Homem na Esfera 17
A Mulher e a Onda 18
Montanha Russa 19
Zodíaco 21
O Menino Desaparecido 23
Edifício Babilônia 26
Xilogravura N. 1 28
Nenhum de nós tem Culpa 30
Solo de Flauta 32
Figuras Andantes 34
Pequena Ode Atonal 37
Besouro na Sala de Estar 39
Poema Acústico 41
A Morte de Lazar Dourado 43
Canto Incivil 44
Parque de Diversões 46
A Vida é Ventríloqua 48

GEOGRAFIA AMOROSA

Balada N. 1, Para Veneza 53
Balada N. 2, Para Veneza 54
Balada N. 3, Para Veneza 56
Para Ires a Veneza 58
Três Pequenas Odes à Holanda 59
Xilogravura N. 2 62
Viajam as Palavras 63
Balada Para o Sena 66
Anticanção do Exílio 69

ROSA-MUNDI

Rosa-Mundi .....
Estar, ou Não Estar .....
A Física do Susto .....
O Menino de Canaveral .....
Mulher Recém-Morta num Desastre .....
Rolamundo .....
A Bordo de "Belave" .....
Mudanças de Rua e Lua .....
Robô .....
Zebedeu e o Eco .....
Joana Sem .....
O Rei das Ilhas .....
Poema em Rima Oculta .....
Rolamundo (2) .....
Maria Azul .....
Metamorfose .....
O Céu Saltou dos Trilhos .....
Coração (Sus)penso .....
Ave Extraviada .....
A Tôrre de H' Bel .....
Terra Inimiga .....
Um Grande Anjo Chim .....
Reincidência .....
Mazepa .....
Competição .....
O Fim de Zebedeu .....
O Cão e o Cachorro .....
Mulher Distante .....
Relação de Viagem .....

SEGUNDA PARTE

O BOI DE JIM HULL

O Boi de Jim Hull .....
FESTA NO MORRO .....
REI MORTO, REI TORTO .....

TOADA PRA SE IR A BRASÍLIA

Toada pra se ir a Brasília.....
NOTAS .....

PÁG.

. 73
. 74
. 76
. 77
. 79
. 81
. 85
. 88
. 90
. 92
. 94
. 98
. 100
. 102
. 103
. 105
. 107
. 109
. 111
. 114
. 116
. 118
. 121
. 122
. 124
. 126
. 127
. 129
. 130

. 135
. 139
. 147

155
159

Edipe
COMPOS E IMPRIMIU

A coleção LETRAS BRASILEIRAS tem por objetivo apresentar ao público ledor de nosso país, em volumes de boa apresentação gráfica, textos de autores nacionais que se recomendem pelo interêsse e pelo mérito literário. Os mais diversos gêneros — ficção, poesia, ensaio — estarão nela representados, através de volumes assinados, quer por nomes já consagrados, quer por estreantes.

★

VOLUMES PUBLICADOS:

Montanha Russa
— Cassiano Ricardo

A PUBLICAR:

Sombra Azul
e Carneiro Branco
— Helena Silveira

Panorama da História
da Filosofia no Brasil
— Cruz Costa